

Reseñas

Recensões

Carlos Reis, *Diálogos com Lídia Jorge*. Lisboa, D. Quixote, 2025, 248 pp.

María Jesús Fernández
Universidad de Extremadura
mjesusfg@unex.es
orcid.org/0000-0002-0117-055X

“La conversación es un acortamiento de las distancias”, propõe Raquel F. Cobos no ensaio *El arte de la conversación literaria* (2025: 40). O diálogo é a nossa forma natural de comunicação, a primigénia e a via mais direta para a compreensão do outro. O livro *Diálogos com Lídia Jorge* parece aceitar estas premissas. A obra, da autoria de Carlos Reis, professor emérito da Universidade de Coimbra, investigador da literatura portuguesa e eminente comparatista, sobejadamente conhecido nos meios académico, culturais e literários internacionais, resulta de um conversa a dois que manteve com a escritora Lídia Jorge, “uma das mais destacadas vozes literárias do universo da língua portuguesa”, com projeção que ultrapassa esse mesmo universo. O diálogo interpelativo, tal como pretende o livro, é o caminho para reduzir distâncias entre um público que tanto pode ser o estudioso como o leitor comum, interessado na chamada “oficina da escritora” e em se aproximar do pensamento literário, social e ético de Lídia Jorge.

Na “Nota Prévia” que abre o volume, Carlos Reis relembra um trabalho anterior, *Diálogos com José Saramago*, publicado em 1998 e que permitiu igualmente um conhecimento do escritor construído a partir da conversa com o crítico. Nessas primeras páginas, fica também uma advertência que orienta a leitura e compreensão da obra: não se trata de uma “entrevista extensa”, insiste Carlos Reis. Sem pretender retirar valor ao género da entrevista –até porque existem inúmeras e valiosas realizadas com Lídia Jorge–, este trabalho “quer ser diferente”. E o que nele é diferente radica, segundo Carlos Reis, na “lógica da interpelação” (13) que preside à conversa, que será por vezes de “provocação” e até “de discordância”, e na convicção de que a via do diálogo permite a construção de conhecimento e de cultura bem como a produção de sentidos.

O texto resulta de quatro dias de encontros e de cerca de sete horas de gravação, se bem que o trabalho de transcrição se tenha beneficiado, como sublinha Carlos Reis, da clareza de pensamento e da “articulada enunciação” (12) da autora, que conhecia apenas de forma geral os temas escolhidos pelo interlocutor.

Um breve texto de Lúdia Jorge, intitulado “Teoría y práctica”, segue as notas iniciais de Carlos Reis. Nele a escritora destaca a sintonia entre ambos no que diz respeito ao “papel da narrativa como mediadora entre saberes” e “promotora do conhecimento e da sabedoria” (18), defesa do romance como discurso do entendimento do mundo que surgirá repetidamente ao longo da conversa. A escritora considera o seu contributo para a obra, antes de mais, o “relato de uma prática”. Esta é também a impressão de quem lê. A partilha de experiências vividas confere aos diálogos a densidade do real, afastando-os tanto de abstrações teóricas como de erudições críticas.

Carlos Reis, num capítulo introdutório, texto de teor académico, sintetiza o percurso literário de Lúdia Jorge em onze pontos: parte dos momentos iniciais como escritora e relembra a receção dos primeiros romances, sem esquecer outros géneros cultivados por Lúdia Jorge; assinala o lugar que a memória individual e coletiva ocupa na produção jorgiana, com destaque para a voz feminina como escolha consciente ou para a casa como espaço privilegiado; conclui sublinhando a coerência de uma produção que traduz a convicção de que o romance é uma forma superior de representação e problematização do mundo contemporâneo. Os pontos desta introdução, que é acompanhada por uma bibliografia selecionada, esboçam o que será desenvolvido nos sete capítulos que compõem o livro.

No primeiro diálogo, é focalizado o tempo biográfico da escritora no meio rural algarvio: os primeiros contactos com a leitura e os livros, a experiência universitária dececionante, os autores que estudou e os que admira, o seu lugar entre aqueles a quem denomina escritores “antena”, “aqueles que escrevem em função daquilo que estão sentindo no ar do seu tempo” (86).

História, memória e identidade são os assuntos centrais do segundo diálogo, em que Carlos Reis caracteriza a obra jorgiana como “uma ficção da memória”, uma “segunda história”, como propunha Carlos Fuentes. Segundo a autora, esteve sempre presente na sua ideia de criação o desejo de que o mundo ficasse “testemunhado” através do romance, convicta de que a literatura é também “um instrumento de prospeção” (103). Esse mundo, alvo do discurso narrativo, é, no seu caso, o português. A vivência do tempo da ditadura e da guerra colonial, o processo revolucionário de Abril de 74, o trânsito para a democracia e os dias de hoje foram transpostos para os romances, singularizando toda uma geração de escritores que se empenhou na interpretação do seu tempo e do espaço nacional, geração que sentiu uma certa urgência em pensar Portugal, como observa Carlos Reis, especialmente entre autores nascidos na década de 40.

No terceiro diálogo, a conversa decorre, entre outras bifurcações sempre possíveis e não evitadas pelo entrevistador, em torno de aspetos mais técnicos que situam a escritora nos seus hábitos quotidianos de escrita, começando pela origem do impulso de escrever, que a autora liga a um desejo de contruir outras realidades. Com o intuito de entrar no “ecossistema” da escritora, nas palavras de Carlos Reis, a conversa encaminha-se por temas como a relação de Lúcia Jorge com a inspiração e a planificação do romance, o ritmo de escrita a partir de uma expressão que desencadeia o fluir do texto, as repetições que assomam como prova da existência de uma cantiga interna ou os processos de reescrita. Não faltam perguntas e respostas sobre a questão da língua literária, sobre o valor das imagens que traduzem a realidade e sobre as dificuldades em entrar e, uma vez concluída a obra, sair do ambiente envolvente dos romances.

No quarto diálogo, Carlos Reis orienta um percurso pelos diversos géneros que a autora já experimentou na sua produção: começa pelo romance, para descobrir que a escritora “não se sente romancista”, mas “autora de romances”; passa pelo conto, pela poesia, de teor discursivo, e pelo teatro que, em algum caso, a autora confessa não ter sido uma experiência memorável. Entre todos os géneros, será o romance aquele que melhor lhe permite “falar da batalha humana” (151).

Aprofunda-se no quinto diálogo a relação com o romance como género e com os diferentes tipos de romancistas. Ser “cronista do tempo que passa” é a forma como a escritora resume a possibilidade de ler Portugal e as transformações vividas. O diálogo avança para o nascimento das personagens e para a relação que a autora estabelece com elas, bem como para a escolha da casa, com as suas janelas, como espaço frequentemente privilegiado, ao qual atribui uma “intensidade dramática profunda” (186).

Encontramos no sexto diálogo novamente páginas em que a escritora torna explícita uma conceção da literatura que implica compreensão, ação e linguagem, respondendo assim à questão colocada por Carlos Reis sobre a forma como a literatura está no mundo. Tal como anuncia o título deste diálogo (“Valores, ideias e ética literária”), o núcleo deste capítulo é a ética que a literatura consegue proclamar e que, segundo Lúcia Jorge, se liga à fraternidade, à compreensão do eu perante um tu incontornável e à memória individual em coerência com a coletiva. Não falta, neste sentido, o intercâmbio de pareceres sobre a prevalência de conflitos no feminino que a escritora deixou em toda a sua produção a partir de personagens mulheres. As razões que impulsionam o ofício de escrever, a existência de um futuro possível para a literatura ou a leitura no tempo do livro eletrónico são algumas das sugestões de conversa lançadas por Carlos Reis.

No último dos sete diálogos, chega o momento de abordar as relações literárias com outros autores portugueses, os que foram mestres, com destaque para Agustina Bessa-Luís e Vergílio Ferreira, e os que foram colegas, como José Saramago ou António Lobo Antunes. Um pouco mais breve do que os anteriores, este diálogo conclui-se com o temor da deriva autoritária que se está a viver por todo o mundo, esquecida a perspetiva humanista, alicerce da nossa cultura. Encerra-se a série de encontros com uma ideia já presente no início dos diálogos: a defesa da criação e do estudo do literário como imprescindível “para a manutenção dos valores humanos”.

Para fechar o livro, é incluída a transcrição e a reprodução manuscrita de uma carta de Lídia Jorge a Eduardo Lourenço, que nos coloca perante outro tipo de conversa, à distância sobre o rumor turbulento da vida e o desejo de pensar” (248). Admiradora da obra do filósofo, para a escritora, o pensamento de Eduardo Lourenço tornou-se “indispensável” (247) para o pensamento individual e coletivo dos seus contemporâneos.

Diálogos com Lídia Jorge é um texto que existe a partir de um dupla presença - a da escritora y a do crítico e académico-, e que precisa de ambas para se construir como relato de experiência da romancista que se desvela e se organiza a partir da indagação do crítico. Lídia Jorge evoca uma mesa de vidro onde ambos se sentaram a conversar, imagem da transparência que presidiu aos encontros e retratou as atitudes dos intervenientes. Assistimos, pois, a uma conversa que, sem dúvida, encurta distâncias: entre o mundo académico, que interroga e interpela, e o mundo da criação, que desvela os seus hábitos e as suas preocupações; mas também permitem estes diálogos encurtar a distância que nos separa, enquanto leitores, das duas figuras em conversa, convidando-nos a participar numa visão que destaca a literatura como conhecimento do mundo e o diálogo como construtor de significados e antídoto contra a ignorância do outro.